



Presidente eleito da Colômbia suspende transição de poder

Eleito, Espriella acusa Petro de golpe de Estado na Colômbia

Horas após suspender a transição de poder, nesta terça-feira (7), o presidente eleito da Colômbia, Abelardo de la Espriella, acusou Gustavo Petro de tentar dar um golpe de Estado após seu apadrinhado, Iván Cepeda, perder o segundo turno das eleições do final de junho.

“Petro e Cepeda iniciaram seu plano B para permanecer no poder, e pretendem fazê-lo por meio de um golpe. A situação se intensificou nas últimas horas. Petro, assumindo a autoridade que pertence ao órgão eleitoral, recusou-se a reconhecer minha eleição, minhas credenciais como presidente eleito e, com base em retórica vazia e fantasias, declarou que não reconhece minha vitória e a atribui arbitrariamente a Cepeda”, afirmou o futuro líder. O ultradireitista se refere a declarações feitas pelo presidente na véspera.

Espriella apelou para as Forças Armadas

“O presidente da Colômbia não reconhece a legitimidade do novo governo. Abelardo não venceu as eleições”, afirmou Petro ao final de uma longa publicação em seu perfil no X, na qual convocou manifestações de apoiadores. “O presidente da Colômbia aceita, de acordo com a decisão do povo colombiano, o filósofo Iván Cepeda”.

Espriella pediu ainda vigilância da comunidade internacional e solicitou que as Forças Armadas “cumpram seu juramento”.



Gustavo Petro não reconhece resultado de eleições

Advogado pediu resistência popular

“Protejam a Constituição e a democracia e não obedeçam a nenhuma ordem de Petro em contrário”, afirmou Espriella. “Ao povo colombiano, resistência. Não podemos permitir que roubem o que conquistamos em uma batalha democrática épica nas urnas em 21 de junho. Resistamos, pois o dia 7 de agosto está próximo”, continuou o advogado, em referência à data da posse. “Deus, o voto e a democracia falaram. Defenderemos a Constituição e o Estado de Direito, como é nosso dever.”

Suspensão da transição causou polêmica

O ultradireitista já havia anunciado a suspensão da transferência de poder. “Não podemos sentar à mesa com um bando de golpistas e indivíduos corruptos”, afirmou, ao justificar a medida. “Não é possível fazer uma transição com um governo que não reconhece a vitória do governo entrante”. Petro afirmou que Espriella “não suporta o fato de que toda a população percebe sua falta de preparo”.

Por Daniella Arcanjo (Folhapress)

Protestos em Cuba

Protestos eclodiram em Havana na noite desta terça-feira (7). Em atos dispersos, moradores bateram panelas, buzinaram e gritaram “acendam as luzes” enquanto milhões de cubanos permaneciam sem energia elétrica em meio a um bloqueio de combustível imposto pelos Estados Unidos que já dura seis meses.

Falta combustível

Cuba sofreu um apagão nacional na última segunda-feira (6) — o terceiro neste ano — mas, embora as autoridades tenham afirmado que a maior parte do país havia sido reconectada à rede elétrica da ilha até o final de terça-feira, muitos continuavam no escuro porque a ilha não tem combustível suficiente para todos por culpa dos EUA.

Fornecimento cortado

A operadora da rede elétrica do país, UNE, disse que havia reconectado a rede de Pinar del Río, no extremo oeste de Cuba, até Holguín, no leste. Santiago de Cuba, a segunda maior cidade da ilha, permanecia desconectada e sem energia, informaram as autoridades. Os EUA cortaram o fornecimento de combustível de Cuba em janeiro de 2026

Interferência dos EUA

Não bastasse isso, os EUA depois impuseram novas sanções que provocaram um êxodo de empresas estrangeiras e um colapso quase total do turismo, numa tentativa de forçar o governo da ilha a sentar à mesa de negociações. Os EUA buscam derrubar o governo de Cuba e têm exigido eleições “democráticas” e a libertação de prisioneiros políticos.

Violação internacional

Cuba e as Nações Unidas afirmam que as sanções do presidente americano, Donald Trump, são uma violação do direito internacional e dos direitos humanos dos habitantes da ilha. Centenas de moradores exaustos nos bairros periféricos de Havana, Jaimanitas e Santa Fe, foram às ruas, enquanto outros se sentavam nas calçadas durante a noite quente.

Falta de perspectiva

Para quem não protestos, restou jogar dominó ou conversar com vizinhos enquanto esperavam o restabelecimento da energia. Muitos, já acostumados a apagões de 30 horas ou mais, haviam se resignado em grande parte a mais uma noite espantando mosquitos e dormindo pouco, sem previsão da volta à normalidade da vida com energia.



Trump em cerimônia da Copa do Mundo, onde recebeu o 'Prêmio da Paz da FIFA'

Acordo com o Irã acabou, diz Donald Trump

Teerã lança drones e mísseis contra bases dos EUA após novo ataque

Por Igor Gielow (Folhapress)

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou nesta quarta-feira (8) que o acordo de cessar-fogo entre seu país e o Irã “acabou” com os ataques retaliatórios da teocracia contra alvos americanos em países do golfo Pérsico.

A retomada das hostilidades no Oriente Médio levou tensão ao mercado, com um aumento de 5% no preço do petróleo referencial Brent, colaborando com a queda nas Bolsas da Ásia e da Europa.

“No que me diz respeito, é só uma perda de tempo lidar com eles [iranianos]. Eles são mentirosos, há algo errado com eles. Eles são loucos. Até onde sei, acabou [o acordo]”, disse o americano ao lado do secretário-geral da Otan, Mark Rutte, durante a cúpula da aliança militar ocidental em Ancara (Turquia).

Depois, afirmou que poderá bombardear novamente o país persa “nesta noite”.

Fiel a seu estilo, contudo, Trump disse também que ainda poderá negociar. “Eu vou falar com nossos negociadores. Eles querem negociar, são boas pessoas, [os enviados americanos] Steve Witkoff, Jared Kushner, mas eles têm de falar comigo”, completou, classificando de todo modo os rivais de “doentes”, “perversos” e “violentos”.

A escalada da tensão ocorreu após uma nova rodada de violência entre os rivais, que haviam assinado uma trégua de 60 dias a partir de 17 de junho. O Irã atingiu nesta semana três petroleiros que

cruzaram o estreito de Hormuz, violando a promessa de manter a navegação livre na estratégica região.

Na noite de terça (7) para quarta, os americanos responderam com o mais duro bombardeio desde a implementação do chamado memorando de entendimento com Teerã. O acordo pôs um fim temporário à guerra lançada pelos EUA e Israel contra a teocracia, que durou cinco semanas a partir do fim de fevereiro.

Foram alvejados 60 alvos em regiões costeiras associadas às atividades militares do Irã no estreito. Como resposta, a Guarda Revolucionária lançou mísseis e drones contra instalações americanas no Bahrein e no Irã.

Segundo a unidade de elite iraniana, foram alvejadas no Bahrein bases dos EUA em Bandar Salman e o Quinto Distrito Naval americano. No Kuwait, o foco foi a base Ali al Salem. Um drone MQ-9 Reaper americano foi derrubado, segundo os iranianos.

Os países do golfo Pérsico foram o alvo mais vistoso da campanha retaliatória iraniana durante a guerra, dado que as ações contra Israel foram compartilhadas por Teerã com seus aliados do Hezbollah libanês, o que levou a ataques pesados de Tel Aviv contra o vizinho árabe.

Agora, o governo de Benjamin Netanyahu ocupa uma faixa no sul libanês e, para formalizar essa presença, assinou um memorando com o governo de Beirute, que também quer ver o Hezbollah desarmado.